



Da Ontologia à
Antropologia de
Maat: A Dimensão
Metafísica e Ética
da Alma


Ana Monteiro Ferreira
Eastern Michigan University
(USA)



Ba e Ka

O chamado progresso da civilização ocidental do mundo moderno, mercê do seu domínio absoluto sobre os paradigmas científicos, desde as ciências puras, passando pelas ciências sociais até às mais modernas tecnologias de informação, acabou por transformar os seres humanos em mercadorias, objectos de compra e venda, em autómatos, quais sombras de uma humanidade perdida numa realidade

¹ Ana Monteiro-Ferreira é Professora Auxiliar do Departamento de Africology and African American Studies na Eastern Michigan University. É doutorada e mestre em Estudos Africano Americanos pela Temple University (Filadélfia) e também mestre em Estudos sobre as Mulheres pela Universidade Aberta (Lisboa). Integra estas duas áreas no seu trabalho docente e de investigação em história, literatura e cultura Africana/Africana Americana com forte ênfase na discussão das estruturas epistemológicas, teóricas, filosóficas e culturais da(s) sociedade(s) contemporânea(s). Dos seus trabalhos, publicados em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos destaca-se aqui o mais recente *The Demise of the Inhuman* (SUNY, 2014). A autora não adere ao projecto do novo acordo ortográfico.

	<p style="text-align: center;">Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p style="text-align: center;">Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---

virtual. Metáfora de todo esse mundo baudrillardiano, a trilogia de *Matrix*², convidamos a um questionamento desse tremendo ‘coma social generalizado’ (Borges, 2006) dos objectivos das desumanizadas sociedades contemporâneas onde a busca da felicidade se faz depender do acesso a bens materiais e de consumo de necessidades artificialmente criadas, do hedonismo enquanto mito progressista, do puro prazer, da competição e do excessivo e antropofágico individualismo.


A este conceito de desumanidade desencarnada gostaria aqui de opor uma reflexão simultaneamente filosófica e antropológica que nos remete para uma perspectiva holística da existência e do mundo da primeira grande civilização humana, Kemet (Antigo Egípto) enquanto raiz do conhecimento ontológico e cosmogónico e de uma ética de responsabilidade individual para com um projecto integral de sustentabilidade humana e social com a natureza e o mundo.

Encontramos em Maat, a herança espiritual e ética do Antigo Egípto, um projecto profundamente humanista de uma constante procura de harmonia e recuperação de equilíbrio (*serudj ta*) dentro de uma concepção inclusiva do mundo em que o passado, o presente e o futuro são inseparáveis, a vida antes do nascimento e depois da morte.

Nesta orientação cosmogónica kemética que abarca o universo inteiro, existe uma relação íntima entre todos os seres humanos, vivos, por nascer, ou já desaparecidos em harmonia com o cosmos seguindo os ciclos da vida e os ritmos circulares da natureza.

Esta visão reflecte os conceitos espirituais e filosóficos dos antigos Egípcios acerca das origens dos seres humanos e do universo a partir de um momento de perfeita harmonia e equilíbrio de todos os elementos, um simbólico *Big Bang* a que


² Referimo-nos às três produções cinematográficas dos irmãos Wachowski, *Matrix* de 1999, *Matrix Reloaded* e *Matrix Revolutions* de 2003.

	<p style="text-align: center;">Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p style="text-align: center;">Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---

chamaram *Zep Tepi*, um Primeiro Acontecer, o momento da criação ou a manifestação do poder gerador de uma Força Imutável num momento de harmonia vital e absoluta (James, 1954; Asante, 2000). É neste contexto que a concepção do ser humano como uma totalidade física, espiritual, e metafísica se insere. Numa perspectiva interaccionista, holística, e integrante quase impossível de apreender na sua totalidade pelo pensamento dicotómico ocidental, o ser humano é, na filosofia kemética, uma entidade complexa que engloba dentro de um corpo físico e material, *khat*, os mais valiosos e inseparáveis elementos da sua humanidade, os conceitos *ib* (coração/mente), *ren* (nome), *ba* (alma), *ka* (força vital), e *sheuti* (sombra) que o definem como uma entidade física e espiritual. Concebido como uma actualização do poder espiritual no momento do nascimento pela instilação do sopro divino, a finalidade última do ser humano é a responsabilidade permanente de manter o equilíbrio da ordem cósmica sendo o significado da existência o dessa procura de Maat, de harmonia entre seres humanos e entre os seres humanos e a natureza traduzidas nos preceitos éticos e nas formulações rituais e estéticas de uma prática social justa, de rectidão moral e justiça social (Asante, 1998; Karenga, 2006).

Maat, a ideia moral central do Antigo Egipto, é um conjunto de premissas, regras e orientações de vida e princípios que traduzem o modelo do pensamento ético e moral das civilizações clássicas do Vale do Nilo. A filosofia kemética, desenvolvida a partir de um elevadíssimo sentido de bem e de mal, de certo e de errado, de justiça e de injustiça traduzia-se numa prática relacional de interações sociais e de obrigações morais e regras de conduta que definiam o indivíduo e valorizavam o alto grau de humanidade do seu carácter, sendo por isso um elemento fundamental, constante e inalienável da sociedade do Antigo Egipto (Karenga, 2006, 3).

Na sua extensa e aprofundada análise ético-filosófica dos *Pyramid Texts*, *Declarations of Innocence*, *Coffin Texts*, *Book of Coming Forth by Day* e outros textos

	<p style="text-align: center;">Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p style="text-align: center;">Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---

seminais, Karenga (2006) identifica na profunda complexidade de Maat três dimensões morais e espirituais: o reino do Divino; o reino do natural; e o reino do social. Maat deve, por isso, e de uma forma abrangente, ser entendido como uma grandeza integrada de rectidão que exige e é o resultado de uma prática de relações e comportamentos adequados em relação a Deus, à natureza e aos seres humanos.


O estudo dos *Coffin Texts*, leva autores como Bilolo (1988) e Obenga (1990) a definir Maat como um ideal (1) de conhecimento; (2) moral da verdade, da justiça e da rectidão; e (3) metafísico do amor e do conhecimento do ser. Morenz (1984), por sua vez, define-o como princípio e força constitutiva da criação. É esta ideia que nos aparece no excerto em que Nun – a representação das águas primordiais no momento da criação – diz a Atum, o Criador (CT I, 35):

"Kiss your daughter Maat. Put her to your nose that her heart may live."³

Através deste sopro divino instilado no momento da criação Maat congrega em si esse momento perfeito das leis da harmonia, do ordenamento divino do mundo, da justiça, da rectidão, do equilíbrio, da verdade e da existência humanas.

Com Karenga (2006) podemos ver como o carácter divino desse ordenamento do mundo contém implicações éticas, ontológicas e antropológicas e, sobretudo, como a responsabilidade moral dos seres humanos na manutenção deste equilíbrio espiritual e cósmico é o elemento fundamental dos princípios éticos da filosofia kemética.

³ Cf. Karenga, 2006: 8, 181.

	<p>Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p>Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---

Assim, Kemet constituiu-se desde o início como uma sociedade onde o ser humano se define pela sua capacidade de estar em completa e total harmonia com a perfeição do ordenamento divino da criação. A questão ética e moral é, portanto, a de perceber a importância e o lugar do ser humano nessa harmonia cósmica. A noção de ser humano não é, no entanto, apenas o resultado de um acto de consciência individual (*ib*-coração/mente). É, acima de tudo, um conceito relacional que traduz a forma como o indivíduo se conduz em sociedade, se relaciona com a família, interage no dia-a-dia com rectidão e justiça e executa os rituais adequados.


Vemos assim, que esta necessidade de estar em permanente harmonia com o ordenamento divino da criação e com a natureza é simultaneamente uma prática social consciente e uma preocupação metafísica. É uma prática social que implica obrigações de reciprocidade, expectativas de conduta social correcta e justa, bem como responsabilidade individual e colectiva de praticar o bem a fim de manter a harmonia na comunidade.



Maat

É, por outro lado, uma constante preocupação metafísica que radica no conceito ontológico de Maat uma vez que as duas esferas estão, como vimos, intimamente relacionadas no pensamento filosófico e espiritual da sociedade do Antigo Egipto.


O processo de criação é visto como uma passagem de um potencial de vida latente à sua manifestação ou, segundo Allen (1988) um diálogo entre o não-existente

	<p style="text-align: center;">Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p style="text-align: center;">Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---

e o potencial de existência. Neste processo de criação Karenga (2006) identifica cinco elementos ontológicos básicos de Maat, todos eles com elevada relevância ética como adiante veremos, pela forma como se articulam com outros tantos elementos antropológicos do conceito maatiano.

O primeiro elemento ontológico é o potencial, aquilo a que chamo o poder de actualização do ser. O segundo elemento, derivado deste, é o conceito de ordenamento harmonioso ou estruturação ordenada do cosmos que permite a realização/actualização da possibilidade/potencial de existência. O terceiro elemento básico é a continuidade do ser segundo o qual não existe qualquer distinção conceptual entre as espécies, entre espírito e matéria, corpo e alma, ou o mundo de Deus e o dos homens (Finnestad, 1898; Karenga, 2006). A continuidade do ser deriva do facto de que o Criador é fonte de toda a existência; a criação é a actualização do Divino em formas várias, uma evolução da sua essência, um produto de *ib*: espírito e coração (pBremner-Rind 28, 24-25 in Karenga, 206, 196).

Este processo de criação que envolve a transmissão da essência divina e de energia é, na complexidade do ser humano, traduzida por *ka*. Nos *Pyramid Texts* (PT 1652) pode ler-se “You put your arms around them as the arms of ka that your essence (ka) may be in them” (Karenga, 2006, 197) em que *ka* se torna na metáfora da unidade entre o Criador e a sua criação. *Ka* é a essência divina, a energia, a força vital do ser humano. O quarto conceito ontológico básico de Maat com elevado valor ético é a noção de bondade essencial do ser humano que nos remete uma vez mais para a noção de perfeição da criação imbuída de divino. O quinto e último elemento é o conceito de eternidade e da possibilidade de vida eterna. De facto, a ideia do julgamento depois da morte, enunciada pela primeira vez na história da humanidade na visão ontológica e ética do Antigo Egipto, traduz uma perspectiva metafísica numa

	<p style="text-align: center;">Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p style="text-align: center;">Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---


prática que justifica o direito à imortalidade através da conduta moral do ser humano em vida.

Estes cinco elementos básicos da ontologia de Maat articulam-se com os seus cinco princípios antropológicos fundamentais cuja descrição pode ser encontrada ao longo dos textos de cariz ético religioso como *Book of Vindication*, *Declarations of Virtues*, *Book of Coming Forth by Day*, *Book of Knowing the Creations*, entre outros, e que são: (1) o ser humano como imagem do Divino; (2) a capacidade do ser humano para atingir a perfeição; (3) a capacidade do ser humano para aprender; (4) a capacidade humana de livre arbítrio; e (5) a condição de sociabilidade do ser humano.

Não sendo possível neste limitado espaço uma discussão, ainda mesmo que superficial, da forma como todos estes níveis se articulam, definem uma filosofia metafísica e determinam uma responsabilidade moral e colectiva na sociedade do Antigo Egipto, gostaria, no entanto, de colocar em destaque o complexo conceito do ser humano no intrincado relacionamento dos seus elementos que considero particularmente relevantes desta visão holística e ética humanística das grandes civilizações clássicas do Vale do Nilo, especialmente os conceitos de *ren*, *ka*, *ba*, *ib* e *akh*.

Embora a existência material do indivíduo aconteça no momento do nascimento com o aparecimento de um corpo físico, o ser humano apenas se constitui na sua plenitude terrena no acto simbólico da atribuição do nome (*ren*) que, com frequência, remetia para a união com o deus, transmissor da sua força vital (*ka*) e espiritual (*ba*) concentrada na (*ib*) albergadas dentro de um corpo (*khat*) que garantia, juntamente com o nome, uma identidade física e espiritual única que permitia alcançar a plenitude da vida eterna.

A mumificação dos corpos, os rituais fúnebres, a capacidade de preservar o bom nome e de ter descendência que assegurasse essa preservação, a condução de


	<p>Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p>Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---

uma vida seguindo os preceitos éticos e sociais de Maat, todos no seu conjunto assinalavam que o sentido do corpo era o de intermediar a harmonia com o ordenamento divino e garantir a existência da vida eterna.

Embora a energia vital *ka* abandonasse o corpo físico no momento da morte, ela não desaparecia. Juntamente com *ba*, a dimensão divina da imortalidade, o espírito divino transmigrado para o corpo no momento do nascimento (e dificilmente traduzível por alma, uma vez que o conceito é muito mais complexo do que o pensamento dicotómico ocidental contempla) elas serão os elementos da imortalidade a que *ib* permite elevar *ren*, passada com distinção a prova da balança da pena de Maat ou julgamento após a morte.

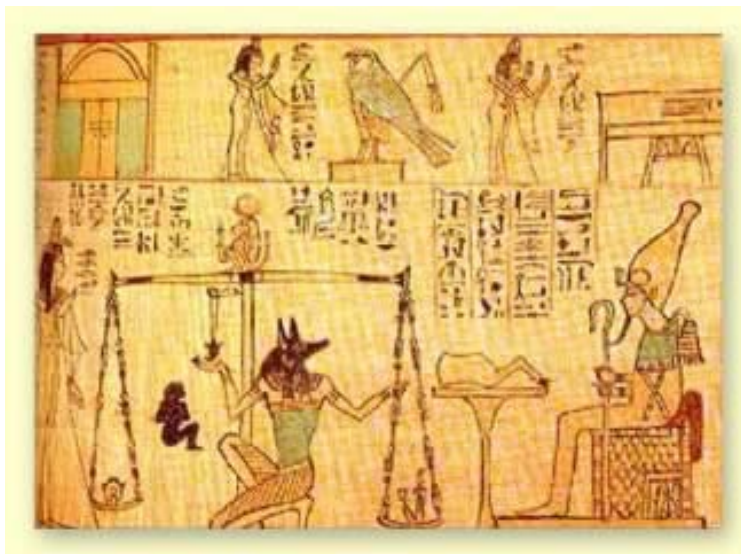
É, portanto, uma vez mais, a conduta moral que permite julgar *ib*, centro das emoções, das decisões e dos pensamentos, com severidade ou torná-lo tão leve quanto a pena de Maat e abrir as portas da eternidade, momento final da reunião do Divino e do humano, na intersecção dos paradigmas ontológicos e antropológicos de Maat e de uma profunda responsabilidade ético-religiosa humana e social. Mas para que o espírito se reencontre com a força vital e o nome seja lembrado, é preciso um corpo, é preciso proceder aos rituais apropriados. Daí a centralidade dos rituais de mumificação, da construção dos templos e das câmaras de veneração e oferendas a *ka*, a simbologia da ave com cabeça de deus e corpo de falcão de *ba*, a abertura minúscula nos túmulos que permite, depois do julgamento de Maat, a re-conexão de *ba* com o corpo mumificado e com a sua *ka*.


Através da sua conduta moral, seguindo os princípios éticos de Maat, o ser humano de elevado carácter atinge a harmonia do divino, e torna-se, depois da morte, um antepassado venerado (*akh*) um nome imortal de exemplo e dedicação ao bem-estar da comunidade.

	<p>Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p>Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	--

O ritual espiritual e a prática ética e moral são, na filosofia kemética, o alimento espiritual para atingir o bem-estar social, o equilíbrio ecológico, a harmonia e a vida eterna. Maat, enquanto ideal fundacional ético-religioso oferece-nos conceitos, fundamentos e paradigmas de referência para um verdadeiro progresso humanista e sustentado da humanidade.

Por isso, as culturas africanas, herdeiras de um discurso ético rico, complexo e holístico com fortes valores espirituais de responsabilidade individual e colectiva, de respeito e veneração pela sabedoria e dignidade dos antepassados, de sustentabilidade das comunidades e do ambiente, têm hoje um importante papel de vanguarda no estabelecimento de uma agenda de ética social e na criação de um discurso epistemológico e conseqüente prática de justiça social que é preciso recuperar.



	<p style="text-align: center;">Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p style="text-align: center;">Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---

BIBLIOGRAFIA

Allen, J. (1988). "Genesis in Egypt: The Philosophy of Ancient Egyptian Creations Accounts." *Yale Egyptological Studies 2*, New Haven: Yale Egyptological Seminar.

Asante, M.K. (2000). *The Egyptian Philosophers: Ancient African Voices from Imhotep to Akhenaten*. Chicago, IL: African American Images.

———. (1998). *The Afrocentric Idea*. Revised Edition. Philadelphia, PA: Temple University Press.


Baudrillard, J. (1983). *Simulations*. Trans. Nicola Dufresne. New York, NY: Semiotext(e).

Bilolo, M. (1988). *Le Créateur et la création dans la pensée memphite et amarnienne*. Kinshasa, Libreville-Munich: Publications Universitaires Africaines.

Borges, C. (2006). O mundo ilusório da Matrix. *NovaE – Nova Consciência e Cibercultura*. <http://www.novae.inf.br/site/modules.php?name=Conteudo&pid=441> acessado em 15 de Maio de 2014.

Finnestad, R.B. (1989). "Egyptian Thought About Life as a Problem of Translation." In Gertrie Englund (Ed.), *The Religion of Ancient Egyptians: Cognitive Structures and Popular Expressions*. Upsala: Almqvist & Wiksell, pp. 29-40.

James, G. M. (1954). *Stolen Legacy*. Trenton, NJ: Africa World Press.

	<p>Da Ontologia à Antropologia de Maat: A Dimensão Metafísica e Ética da Alma</p>	<p>Ana Monteiro Ferreira Eastern Michigan University (USA)</p>
---	---	---

Karenga, M. (2006). *Maat: The Moral Idea in Ancient Egypt*. Los Angeles, CA: University of Sankore Press.

Morenz, S. (1984). *Egyptian Religion*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

Obenga, T. (1990). *La Philosophie Africaine de la période pharaonique, 2780-330 avant notre ère*. Paris: Éditions L'Harmattan.

Wachowski, A. e Wachowski, L. (1999). *Matrix*; (2003). *Matrix Reloaded*; (2003). *Matrix Revolution*. USA e Austrália.